

**“ISSO JÁ NÃO EXISTE NADA, ISSO TUDO  
JÁ ACABOU” - PENSAR A REFORMA AGRÁRIA  
ATRAVÉS DAS IMAGENS DE UMA  
INVESTIGAÇÃO EM CURSO**

Maria Alice Samara e Vanessa de Almeida \*

*“Um mapa enuncia a ideia que temos do mundo,  
não a sua realidade.”*

Michel Onfray, Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia



Imagem n.º 1 – Alentejo, 2019, fotografia de Maria Alice Samara

---

\* Investigadoras do Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH

Segundo o guia Michelin, a distância de Almada a Montemor-o-Novo é de 95 km, e demora cerca de 1 hora pela A2 e pela A6. Fruto de um diálogo construído ao longo do tempo, de um posicionamento comum, decidimos partir para um terreno para nós desconhecido com uma certeza partilhada: a nossa motivação não era a derrota, mas a esperança inerente ao processo daquela que terá sido a rutura revolucionária mais vinculada nascida com o 25 de Abril de 1974, e onde a luta de classes – entre o proletariado rural e os grandes proprietários –, foi uma realidade. Será estranho dizer que procuramos a esperança num processo que sabemos a priori derrotado, mas de facto assim é. Porque antes da derrota, a exaltação esteve lá. A alegria esteve lá. Parafraseando a moda *Alentejo é esperança*, da autoria de José Borralho<sup>1</sup> a Reforma Agrária foi «o tempo mais ditoso, em que o futuro nasceu». Depois das primeiras viagens, mudámos de método de como nos embrenhamos na paisagem. Vamos, sempre que possível, por estradas nacionais e municipais. Às vezes, por caminhos de terra batida. A condução abrandou a velocidade, abrindo a possibilidade de encontros inesperados, de paragens não programadas.

Vamos para o Alentejo à procura de vestígios desse futuro.

Partimos para a primeira viagem com um levantamento, bastante incompleto, e sem qualquer tipo de rede de contactos. Nenhuma de nós sabia o que ia encontrar. Levávamos a expectativa – bastante indefinida quando a lembramos hoje – de encontrar algo. A nossa primeira paragem foi em Cabrela, uma freguesia no concelho de Montemor-o-Novo e é aí que começamos a construção da nossa cartografia e do nosso trabalho de campo.

Paramos o carro e fazemos a pergunta inaugural, «Sabe-nos dizer onde fica a antiga Cooperativa?»

---

<sup>1</sup> Cantador do Grupo Coral e Etnográfico “Amigos do Alentejo do Feijó”, Moda de 1989.



Imagem n.º 2 – Cabrela, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Seguimos a indicação dada e deparamo-nos então com o edifício, hoje uma quase ruína, sem qualquer tipo de identificação: não há nome, não há placa, nada que remeta para a sua antiga ocupação. Poderia ser tanto a Cooperativa da Reforma Agrária como qualquer outra instalação agrícola. Foi possível entrar numa parte do edifício, conhecer o pátio e a zona onde estava o que nos pareceu ser um antigo forno. Alguns automóveis que aparentemente esperavam arranjo denunciavam uma utilização contemporânea. De alguma forma, o espaço estava a ser utilizado. No caso de outras partes que estavam fechadas, pensámos que poderiam ter sido os escritórios. Fotografámos o edifício, que fica num dos extremos da povoação. Assim, no nosso campo de visão, estava tanto o edifício, como a propriedade, agora vedada e privada, com o olival. O mesmo ponto de observação espacial permitia-nos surpreender os dois tempos históricos: o presente a partir do qual procuramos o passado revolucionário.

No tempo decorrido a observar e a fotografar o edifício, não vimos ninguém por ali. Foi já quando nos estávamos a dirigir para o automóvel, para partirmos em busca de um outro ponto desta cartografia em construção, que nos apercebemos que no quintal fronteiro surgia gente. A mulher, vestida com uma bata, trazia num pequeno alguidar de plástico colorido, as cascas da fruta de um almoço que terminara não há muito.



Imagem n.º 3 – Cabrela, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Acercámo-nos da rede que separava a rua do seu quintal e cumprimentámo-la. Respondeu-nos de volta e perguntámos-lhe se ali era o edifício da antiga Cooperativa. Que era sim, respondeu. Neste início informal de uma conversa, materializava-se a nossa expectativa. Ou seja, era a memória desta mulher que nos confirmava a importância daquele edifício. Decidiu então chamar o marido, que, por mero acaso, nela trabalhara.

Através da voz, destas duas vozes, toda a paisagem se transformou: o desfiar de nomes das herdades ocupadas, a criação da Cooperativa, o funcionamento, as culturas, a forma como a terra era trabalhada. Ele apontou para o horizonte: “Estão a ver ali?” E sim, estávamos a ver. É através da sua voz que a transformação da paisagem acontece: além do

que víamos, podíamos agora saber o que existira e o que no passado foi a ideia de futuro.

O trabalho de campo em curso parte da procura dos edifícios das antigas Unidades Colectivas de Produção (UCP's) e Cooperativas, em simultâneo com conversas informais e entrevistas a mulheres e homens que foram sujeitos políticos ativos no processo da Reforma Agrária. A recolha estrutura-se, assim, entre o espaço, a voz, e os objetos, de modo a recuperar a partir dos testemunhos recolhidos, o processo, assim como a forma como este é hoje recordado. Sabemos que a memória é construída no seio do grupo e que a mesma não é estanque, antes um estaleiro em construção, com contributos trazidos da experiência e do tempo presente.

A nossa viagem iniciou-se em Montemor-o-Novo, concelho que integrou a ZIRA (Zona de Intervenção da Reforma Agrária) e utiliza, obviamente, mapas contemporâneos. Ironicamente, os que nos são fornecidos nos diferentes postos de turismo por onde passamos. O que nos dizem estes mapas? Que existe uma preocupação com o património local entendido numa perspetiva clássica (essencialmente igrejas e museus), com as atividades económicas e com o turismo. Um dos mapas enuncia a rota dos vinhos. É através dele, deste mapa atual, conciliando com o levantamento em curso do *Diário da República*, que demarcamos os locais a visitar. Antes de chegar ao terreno, começamos a operação de transformação dos significados da paisagem, com um círculo em torno dos locais, delineando trajetos possíveis.



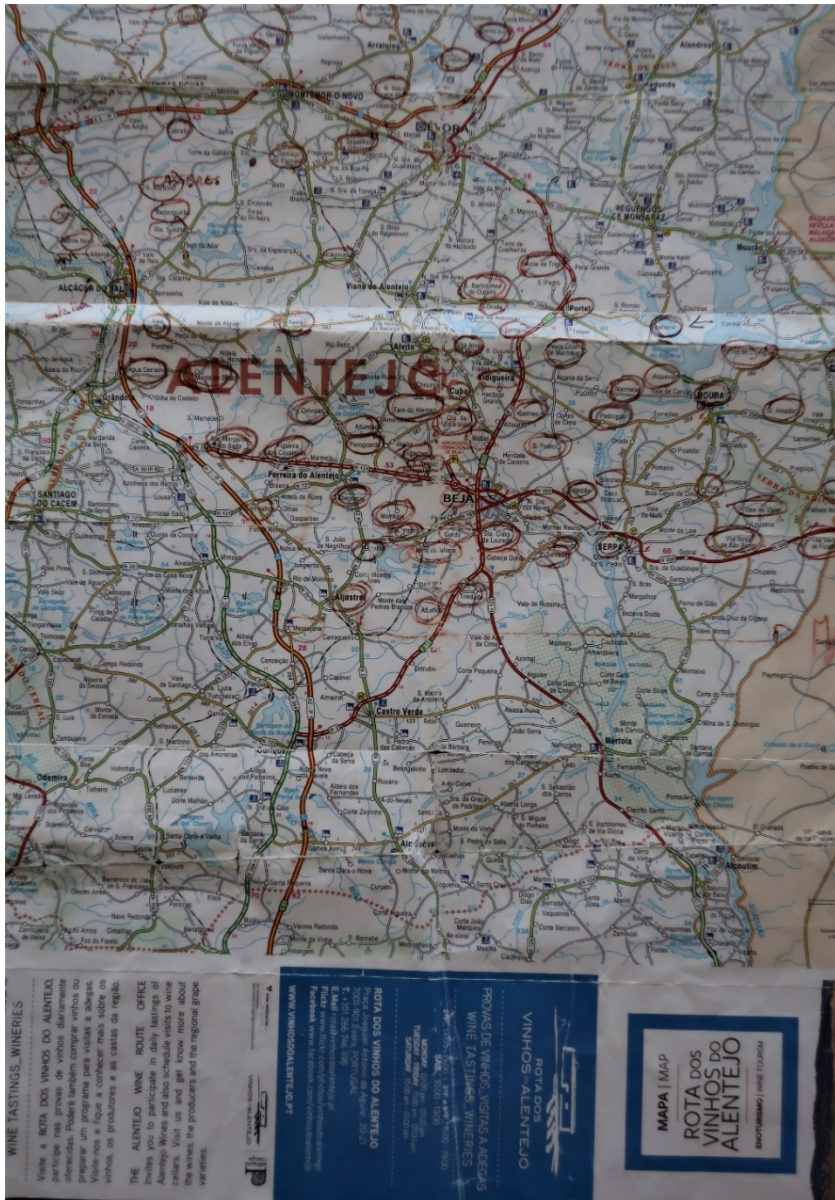


Imagem n.º 4 – Mapa do Alentejo, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Ainda sobre o mapa: a rota dos vinhos do Alentejo remete-nos para herdades transformadas em marcas vinícolas. Na maior parte dos casos, não estamos apenas a falar de vinho de consumo comum, mas também de um produto de prestígio. Uma procura rápida na internet mostra-nos

a forma como estas herdades tornam o seu produto atraente e com charme recorrendo, para o efeito, à história da herdade, que funciona como mais valia simbólica. Muitas destas herdades foram ocupadas. Fizeram, assim, parte do processo da Reforma Agrária. Quando referido nos respetivos sites, é mencionado como um acidente, como uma parte negativa da história. Os proprietários podem ou não ter mudado, a herdade pode ou não ter regressado às mãos da família original, mas o que transparece é este mesmo olhar, este posicionamento, de que o direito à propriedade é sempre inquestionável. Mesmo quando vocacionadas para o turismo, ou enoturismo – a história fixada e objeto de divulgação remete para a tradição como valor, associada à modernidade do negócio, ao empreendedorismo, elegendo como momento refundador a plantação da primeira vinha após a devolução da propriedade.

Na sua sincronia aparentemente neutra, nenhum dos mapas questiona a aparente estabilidade da paisagem e do território. Subentende-se que as demarcações territoriais sempre existiram e existirão, imutáveis num tempo sem sobressaltos. Por isso, a nossa primeira operação conceptual é escrever, literalmente, sobre os mapas que existem. Desta forma procuramos apropriarmo-nos do mapa e, à semelhança de um movimento que está a ser globalmente pensado e executado, de forma diversa e criativa - veja-se, a título de exemplo, o trabalho do Coletivo Orangotango e as suas contra-cartografias (Kollektiv Orangotango +, 2018), impomos a sua politização, ou seja, de uma forma tangível e material, estamos a reconstruir os mapas, que passam a inscrever a ação daqueles que se foram sujeitos políticos de pleno direito. Se a Reforma Agrária foi, entre outras coisas, a tentativa de alteração da estrutura fundiária, este exercício sobre o mapa quebra, exatamente, a lógica dos que eram os donos da terra. A nossa intervenção no mapa relembra a época em que a terra foi, de facto, de quem a trabalhava.

São, pois, pequenos círculos no mapa, mas que trazem inerente a si a ideia de mudança política e de um futuro alternativo. Ou seja, ainda que de forma simbólica, estamos a trazer o passado e a sua ideia do porvir para o tempo presente, acrescentando uma dimensão temporal ao mapa que fora até então estanque.

## II

Quando chegamos aos locais assinalados, com base na informação recolhida, começamos a procurar vestígios, sinais ou marcos do ocorrido, e procuramos alguém a quem seja possível perguntar informações e, quando intuímos viável, entabular uma conversa.

Trataremos agora aqui de alguns exemplos antagónicos do que diz respeito à inscrição no espaço do processo e da memória da Reforma Agrária.

### A NÃO INSCRIÇÃO: “ISSO JÁ NÃO EXISTE NADA, ISSO TUDO JÁ ACABOU”

À pergunta «Sabe-nos dizer onde fica a antiga Cooperativa?», a reação inicial é o espanto. Somos facilmente localizadas como forasteiras, o carro desconhecido, o sotaque ou ausência dele. Nos novos mapas por nós imaginados, longe dos mapas de um Alentejo turistificado, patrimonializado, de quilómetros de olival intensivo, de imigrantes que caminham pelas estradas ao domingo, aos pares, isolados, de headphones ou falando com quem supomos familiares num país distante, a resposta é sempre a mesma, “Isso já não existe nada, isso tudo já acabou”. Mas existe o medo, a desconfiança, assente no trauma do porvir usurpado pela Contra-Reforma Agrária.

Em Divor, a antiga Casa do Povo foi transformada em café. As Casas do Povo, assim como as Escolas dos Centenários, com a sua simbologia inerente, estão inscritas na paisagem. Mesmo que a sua reutilização seja completamente diferente do que foi durante o Estado Novo, as marcas visuais, neutralizadas com o decorrer do tempo, relembram essa outra mundividência.





Imagem n.º 5 – Divor, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida

No interior do café, um pai e uma criança, dois homens sentados ao balcão. À pergunta habitual, “Sabem dizer onde fica a antiga Cooperativa”, olham com surpresa e respondem não. Instala-se o silêncio num espaço que se fecha para o desconhecido vindo do exterior e que somos nós. É quando já estamos no interior do carro que um desses homens se acerca de nós. Faz um gesto lento, o polegar e indicador a estreitar o espaço, a pedir um tempo. E então diz. “Não sei quem as senhoras são, mas nós aqui não falamos de certas coisas à frente uns dos outros”, e é isso, adivinhamo-lo, a memória presente da derrota. Posicionamo-nos. Dizemos aos que vamos, o que andamos a fazer, que vínhamos do Escoural, tínhamos estado no cemitério junto às campas do Casquinha e do Caravela. E é então que ele nos diz que é um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora. Passa-nos contactos. O nosso posicionamento face ao processo e o que a nossa ida ao cemitério do Escoural revela, permite o diálogo. Intuímos que esta é uma história que quer ser contada. E que a memória obliterada permanece afinal à tona.

### A INSCRIÇÃO: ESCOURAL, PIAS E OUTEIRO

A toponímia de Santiago do Escoural é, como em muitas outras localidades alentejanas, de influência fortemente progressista e republicana, remetendo para uma consciência política anterior à própria implantação da República. Os vultos republicanos convivem com outras figuras do imaginário nacionalista. A Rua Vasco da Gama cruza-se com a Rua Magalhães Lima. Ou seja, uma das mais conhecidas figuras históricas do período de expansão, que pôde, em rigor, ser homenageada em diferentes regimes políticos, cruza-se com o grão-mestre, jornalista e importante político republicano. Também o almirante e conspirador republicano, Cândido dos Reis, se encontra com o poeta Luís de Camões. A Nacional 2 assume aqui o nome de Humberto Delgado. Outros são nomes que remetem para os filhos da terra, como adiante veremos. Acumulam-se, portanto, nesta análise da toponímia, diferentes sentidos e significados, articulando história e memória, numa relação entre o local e o nacional.

No centro da vila ergue-se um monumento ao acontecimento mais violento da Contra Reforma Agrária: a morte a tiro pela GNR de António Maria do Pomar Casquinha, de 17 anos, e José Geraldo “Caravela”, ambos trabalhadores na Cooperativa Salvador Joaquim do Pomar, da qual restam hoje casões descaracterizados.



Imagem n.º 6 – Santiago do Escoural, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Por seu turno, o nome de Salvador Joaquim do Pomar permanece inscrito ao nível da toponímia. Só o nome, sem nenhuma outra explicação.



Imagem n.º 7 – Santiago do Escoural, 2019, fotografia de Maria Alice Samara

E, todavia, o que este nome nos revela, é o que é possível de identificar noutras UCP's ou Cooperativas, a saber, o nome reflete a ligação com momentos de luta passada ou, neste caso em concreto, o nome de quem, em algum momento e pela sua ação, se opôs à ditadura. Salvador Joaquim do Pomar, natural de Santiago do Escoural, tinha 46 anos quando foi preso pela PIDE. Jornaleiro, passou pelas prisões do Aljube, Caxias e Peniche. Dizem-nos que regressou doente das cadeias e que por isso morreu. É essa a história que nos contam, numa tarde de inverno, no Centro de Trabalho do PCP do Escoural, quando o frio

cortante justificou a típica lareira alentejana acesa e sentadas às mesas de fôrmica, perguntamos sobre o porquê da escolha do nome.

Como este, outros nomes ou datas vão ser usados na designação de diferentes UCP's e Cooperativas, numa clara ligação entre diferentes tempos, onde a acumulação da experiência de lutas passadas se espalha nos nomes escolhidos. Também localizámos outras em que o nome da UCP mantém o nome da herdade ocupada. Por fim, os nomes escolhidos – sempre em assembleias de trabalhadores –, podem ser ainda expressões de cariz popular que traduzem o espírito do tempo, ou seja, um outro horizonte de expectativas que a Revolução permitiu.

Regressemos a Santiago do Escoural. O assassinato de Casquinha e Caravela ocorreu em 27 de Setembro de 1979, aquando da entrega da reserva na Herdade Vale de Nobre da UCP Bento Gonçalves (Montemor-o-Novo).



Imagem n.º 8 – Santiago do Escoural, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Este é um monumento relativamente recente, de 2014. Foi inaugurado aquando do quadragésimo aniversário da Revolução de Abril e trinta e cinco anos volvidos sobre a morte dos dois trabalhadores - uma memória dolorosa que foi inscrita no espaço público muito tempo

depois. O monumento é pensado também como um memorial à Reforma Agrária.

Da autoria de Monginho Martins, de grandes dimensões, recorda para a posterioridade o acontecimento: dois cravos baleados, ou seja, Casquinha e Caravela, erguem-se altivos sobre a seara alentejana. De acordo com a inscrição, as doze espigas de trigo lembram este processo no Alentejo e no Ribatejo, bem como as doze conferências da Reforma Agrária. O muro «uma barreira que é Povo em defesa das conquistas de Abril». E a água foi pensada como o símbolo desse ideal que continua vivo e alimentado. Quando nós olhámos para o espelho de água, em fundo de cerâmica vermelha, consideramos que inscreve no chão o sangue dos que tombaram na defesa do que significou a consigna “a terra a quem a trabalha”. Em Portugal, contrariamente à vizinha Andaluzia, não foi a fome de terra. Antes a reivindicação de pleno emprego e salário, o direito a um outro futuro.

Anualmente, o acontecimento é rememorado através de evento organizado pelo PCP. Em 2020, pela primeira vez, tivemos oportunidade de assistir. A céu aberto, cadeiras dispostas cumprem a distância regulamentar. No palco montado junto ao monumento, posicionam-se a Presidente de Câmara, o Presidente da Junta de Freguesia e o elemento do Comité Central, a quem cabe a responsabilidade de recordar o contexto da época, ligando as lutas do passado a lutas do tempo presente. Seguiu-se uma romagem até ao cemitério onde, junto às campas, foram depositadas flores e se cumpriu um minuto de silêncio.

Nas campas lê-se mais do que os indivíduos, mais do que a dor familiar e particular. As várias lápides evocam diferentes agentes políticos e organizações, dotando o espaço de um cunho significativamente politizado. Numa delas lê-se: «A VOSSA MEMÓRIA É RECORDADA NO TRABALHO E NA LUTA QUE CONTINUA PELA REALIZAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA». E numa outra, exige-se a punição dos responsáveis.

Ao deambularmos pelo cemitério, identificámos também a campa de Salvador Joaquim do Pomar. Nesta um baixo relevo de Jesus Cristo coabita com uma lápide onde se lê: «PCP. SINCERA HOMENAGEM DE TODOS OS CAMARADAS».

Muitos dos que participaram na evocação, participaram no processo da Reforma Agrária, incentivando uma maior fluidez no diálogo. Desfiam-nos as suas memórias, algumas das quais, como no



caso de um antigo trabalhador da UCP Maria Machado, se prendem com a maquinaria, com os tratores que vinham de amigos e aliados, dos chamados países de Leste, por exemplo. E de repente, a memória destes campos é de desenvolvimento, e progresso.



Imagem n.º 9 – Santiago do Escoural, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

Em Pias (concelho de Serpa) visitamos outro local de inscrição na paisagem da memória da Reforma Agrária através de um mural – refeito para manter vivo o desenho e as cores originais - naquelas que foram as instalações da UCP Esquerda Vencerá. Quem passa na estrada não pode deixar de o ver – ou assim pensamos nós, que o procurávamos como algo valioso.



Imagem n.º 10 – Pias, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

Ao observarmos a iconografia somos confrontadas com diferentes tempos: o passado que já é para nós, considerando a nossa própria posição no tempo; o presente que foi, com a inscrição do que era produzido pela UCP, que deduzimos de natureza agropecuária, o avanço tecnológico representado pelo trator e, mediante a acumulação da experiência à época vivida, um horizonte de expectativa outro, através da inscrição da moda *Alentejo é esperança*, «Reforma Agrária, Reforma Agrária Hás-de voltar Porque és necessária».



Imagem n.º 11 – Pias, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

No portão que dá acesso às instalações, uma placa com a seguinte informação:

«Património da  
Junta de Freguesia de Pias  
Doado pelos Trabalhadores da

UCP – Esquerda Vencerá em 13-11-94  
Sem nunca poder ser vendido»,



Imagem n.º 12 – Pias, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

revelando assim uma consciência patrimonial possível de identificar em outros grupos subalternizados, uma visão de património abrangente, que tem em consideração não apenas o material mas também o imaterial, espelhando uma memória forte à partida não expectável, já que num contexto político de derrota, daquela que foi por várias vezes apelidada de *Uma Revolução na Revolução*. Neste caso, os trabalhadores desta UCP deixaram claro a sua vontade de perpetuar a memória desta experiência. Na qualidade de sujeitos políticos, decidem a forma de inscrever no espaço e no tempo as suas realizações.

Mas é em Portel (distrito de Évora), mais concretamente na freguesia de São Sebastião do Outeiro, que nos deparamos com o inesperado.

Atingimos o topo da aldeia à hora de maior calor de um dia de verão. Uma pequena ermida, branca de cal, contrasta com o azul do céu alentejano. O relógio da torre foi fabricado em Almada, a cidade de onde

partimos e onde tantos participaram no apoio à Reforma Agrária: estudantes, trabalhadores, operários da indústria naval empenhados na recolha de fundos para a compra de tratores e demais alfaías agrícolas, participantes ativos da apanha do tomate, entre outras, comprando produtos dos campos desse novo Sul em Cooperativas de Consumo com vista para os estaleiros.

Entramos na Junta de Freguesia à procura de informações. «Sabem-nos dizer onde fica a antiga Cooperativa?» A nossa interlocutora tem vinte e poucos anos, desconfiamos se será capaz de nos dar a informação pretendida. E, todavia, aqui não ouvimos “Isso já não existe nada, isso tudo já acabou”. O que ela nos disse foi que era preciso ir até à parte baixa, e que eram os casões que ficavam junto ao parque infantil.

Quando descemos, tal como as demais freguesias do concelho de Portel, S. Sebastião do Outeiro afirma a sua identidade de freguesia de abril mediante uma escultura de grandes dimensões, inaugurada em 2013, num contexto de contestação à extinção de freguesias. Ou seja, a evocação da memória da Revolução, transpõe para o espaço público a luta em torno de questões da atualidade. Neste monumento, os cravos, símbolo comum da iconografia de abril, vencem as grades do tempo da ditadura.





Imagem n.º 13 – São Sebastião do Outeiro, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

E depois, encontramos o que procuramos. Primeiro, a toponímia. Na sua limpidez, a rua da UCP remete-nos para São Sebastião do



Outeiro em concreto, mas também para todo o território da ZIRA. Se a toponímia, tantas vezes, consagra os heróis individuais, esta placa relembra os processos coletivos dos campos do Sul.



Imagem n.º 14 – São Sebastião do Outeiro, 2020, fotografia de Maria Alice Samara.

Olhamos para o casão, e uma placa no topo da porta chama também a nossa atenção.



Imagem n.º 15 – São Sebastião do Outeiro, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.



Imagem n.º 16 – São Sebastião do Outeiro, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

Lá está o nome da UCP. As instalações servem hoje de Sede à Secção de Cicloturismo Os Trepadores da Estrada. A UCP Agro-Pecuária de São Bartolomeu do Outeiro foi criada em 18 de março de 1977, pouco antes da Lei Barreto, mas num contexto já não favorável à sua criação, muito provavelmente revelando que a nível local a correlação de interesses, as redes de solidariedade construídas, tinham ainda força para se impor.

Estes não são os únicos exemplos de inscrição na paisagem. Outros existem, muitas das vezes assumindo já uma natureza que podemos considerar de arqueológica.

Na estrada que vai de Serpa a Brinches, no distrito de Beja, a rapidez da condução ainda permite ler num muro as palavras escritas a negro: «...LEI BARRETO». Tal como escreveu Lino de Carvalho: «As paredes de todo o País foram sendo pintadas com o nome do titular do Ministério. António Barreto passou a ser o nome mais conhecido e mais combatido dos Governos pós-Abril». (CARVALHO:76-7).

Em Selmes, Vidigueira (distrito de Beja), a olhar para uma parede a necessitar de cal, perguntamo-nos se aquilo está lá mesmo escrito, ou se estamos a ler uma projecção do que queremos encontrar.



Imagem n.º 17 – Selmes, 2020, fotografia de Vanessa de Almeida.

Lemos «...ATACADA PELA GNR É REOCUPADA». Não sabemos que herdade, qual a UCP, mas o que aquela parede denuncia é a aliança no terreno da GNR com os latifundiários aquando da devolução das reservas, revelando também a resistência exercida pela população.

Dissemos no início que o que nos move é, não a derrota, mas a esperança inerente ao processo, porque o passado, mesmo derrotado, pode incitar-nos à ação. A Reforma Agrária alterou a vida de milhares de vidas. As ocupações de terra resultaram na criação de mais de 500 UCP’S/Cooperativas e as conquistas foram imensas: o direito ao pleno emprego e ao salário, o direito pleno à segurança social, a criação de diferentes equipamentos: creches, refeitórios, cooperativas de consumo, sem falar na modernização ao nível da exploração agrícola, a diversificação de culturas, etc. E, na altura, o que não era de somenos importância, os homens e mulheres sentiam que estavam a construir o seu futuro.

Disseram-nos em Avis que hoje o Alentejo é olival intensivo e arame farpado. E desertificação, e envelhecimento da população, desemprego, exploração de uma mão-de-obra migrante que se inscreve numa paisagem para si estranha, através de uma presença silenciosa cada vez mais gritante.

Já em modo de conclusão, um exemplo da memória da Reforma Agrária inscrita, não apenas nos que a protagonizaram, não apenas na paisagem novamente privatizada, com donos uma vez mais desconhecidos e ausentes, os “espanhóis” ou as famílias de sempre, mas também materializada em objetos de uso comum, hoje também eles quase artefactos.



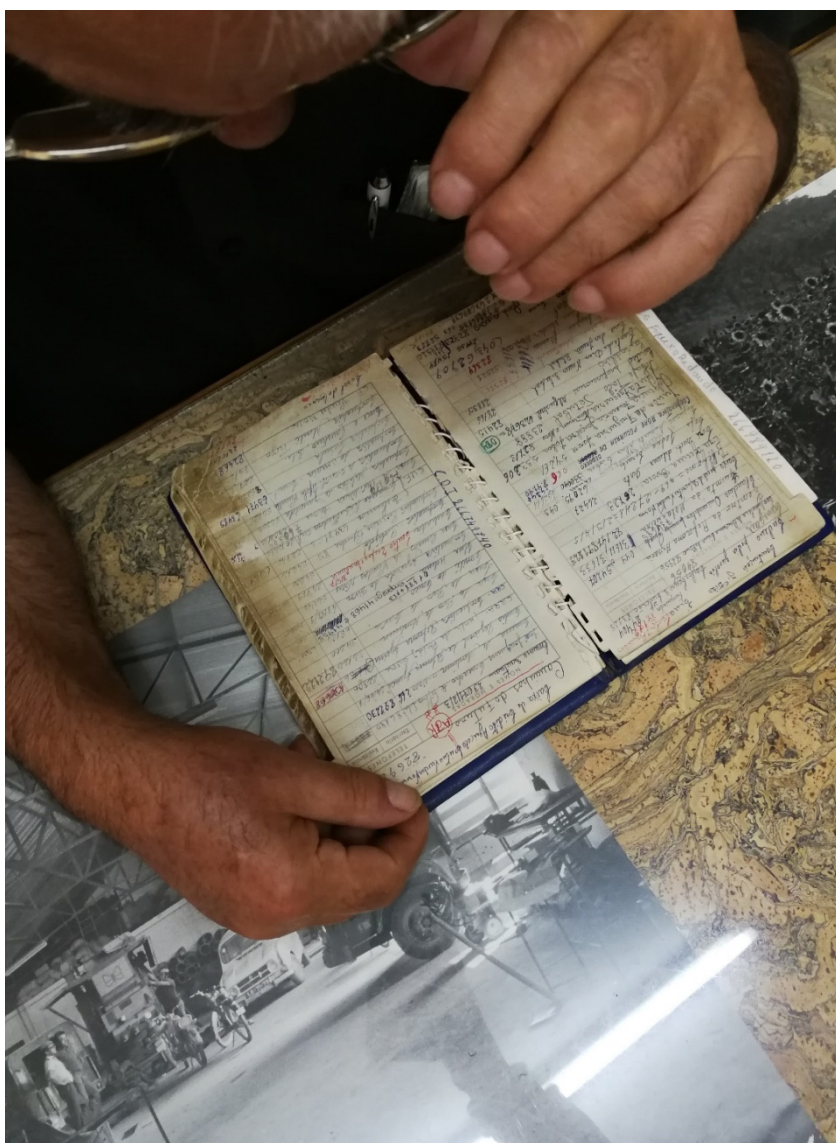


Imagem n.º 18 – Cortiçadas de Lavre, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Para nós, a agenda telefónica da UCP Poder Popular de Cortiçadas de Lavre através dos seus números escritos a esferográfica de cores diferentes ou a lápis, representa um tempo outro, “um tempo ditoso onde o futuro nasceu”. Os números nela inscritos têm entre cinco a seis dígitos, algumas extensões. Não existem ainda números de telemóvel, mas lemos nomes de UCP’s, de Cooperativas, de Sindicatos de

Trabalhadores. Também o nome da Caminhos de Futuro, localizada em Montemor-o-Novo, e que hoje continua a funcionar.



Imagem n.º 19 – Montemor-o-Novo, 2019, fotografia de Vanessa de Almeida.

Ele disse-nos que «É filha da Reforma Agrária». Ou seja, apesar da Contra-Reforma Agrária, o legado é ainda materializável. Sobreviveu, sobrevive. Quando a encontrámos, num momento proustiano, todo esse tempo de sonho em construção, pareceu abrir-se perante os nossos olhos.

O que aqueles números escritos a esferográfica ou a lápis na agenda de páginas amareladas revelam e, antes do mais, uma consciência de classe, depois, os laços de solidariedade e cooperação que caracterizam um tempo histórico de esperança. Também esta agenda poderia ser, assim, um mapa.

Aos nossos olhos, através da subjetividade do nosso olhar, a agenda da UCP Poder Popular pode também significar um outro horizonte de expectativas, fonte de alento para um Alentejo diferente e solidário, a concretização de planície de futuro.

Mais de 500 UCP'S e Cooperativas criadas.

Milhares de postos de trabalho, milhares de vidas que viram a sua vida mudar. Pela força das suas mãos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Afonso, outubro de 1983, “Para a conceptualização da Reforma Agrária” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 61-98, n.º 12.
- BAPTISTA, Fernando Oliveira, 2001, “O 25 de Abril, a sociedade rural e a questão da terra”, in *O País em Revolução*, coord. J.M. Brandão de Brito, 133-207, Lisboa, Editorial Notícias.
- CARVALHO, Lino, 2004, *Reforma Agrária: da Utopia à Realidade*, Porto, Campo das Letras.
- COSTA, Maria Velho da, 1994, *Cravo*, Lisboa, Moraes, 1976, 2ª ed. D. Quixote.
- FERNANDES, Margarida, 2006, *Terra de Catarina*, Oeiras, Celta Editora.
- KOLLEKTIV ORANGOTANGO+ (ed.), 2018, "This is not an Atlas". *A Global Collection of Counter-Cartographies*, Londres, Transcript Verlag.
- ONFRAY, Michel, 2019, *Teoria da Viagem*, Lisboa, Quetzal Editores.
- GODINHO, Paula, 2017, *O Futuro é Para Sempre*, Lisboa, Santiago de Compostela, Livraria Letra Livre/ Através Editora.
- MURTEIRA, António, 2004, *Uma Revolução na Revolução. Reforma Agrária no Sul de Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- SOLNIT, Rebecca, 2016, *Hope in the Dark: Untold Stories, Wild Possibilities*. Londres e Edimburgo, Canongate.
- WEISS, Peter, 2017, *L'esthétique de la Résistance*, s.l., Klincksieck.